



SEÇÃO TEMÁTICA

Trabalho sexual e gestão de riscos: a história de um garoto de programa

Lorenço Rodrigues, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS)*

Maria Beatriz Rodrigues, *Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS)*.

Resumo. A presente pesquisa, de enfoque qualitativo e exploratório, busca compreender como se desenvolve a gestão de riscos na prostituição masculina, por meio de entrevistas com um garoto de programa de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Foram realizados dois longos contatos com o sujeito, quando foi possível obter dados relevantes sobre a sua trajetória de vida, sua organização de trabalho e suas práticas de gestão de riscos. A oportunidade de observar *in loco* o seu local de trabalho foi um adicional na realização da pesquisa. Como ocupação, o sexo é moralmente condenado pela sociedade e, dessa forma, neste trabalho, recorre-se ao conceito de trabalho sujo, para compreender algumas razões que levam à marginalização social do trabalho sexual. A partir do relato do garoto de programa, percebeu-se que os perfis criados pelos trabalhadores sexuais obedecem aos desejos dos clientes, geralmente oferecendo corpos viris e musculosos. Masculinidade e virilidade são componentes essenciais para obter sucesso na carreira de garoto de programa. A gestão dos riscos profissionais envolve um conjunto de procedimentos e assunção de estimulantes e medicamentos, que confirmam as características do conceito de trabalho sujo. Cumprir essas prerrogativas define o desempenho do profissional, o reconhecimento e a valorização no mercado sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Prostituição Masculina. Trabalho Sujo. Gestão de Risco.



1. INTRODUÇÃO

A vida em sociedade é marcada por regras e estas se apoiam em escolhas, a partir de dualidades, de disputas entre conceitos contrários, como o bem e o mal, o são e o doente, a liberdade e a prisão, o dominador e o dominado, dentre uma infinidade de outras. Regular, ou seja, aplicar ou seguir regras, significa posicionar-se em uma dessas extremidades, onde a certeza do lugar assumido, cria uma distância segura do outro extremo. Souza (2018), ao tratar da tensão originária da filosofia, ressalta a diferença, ou a não unidade, como articuladora da estrutura do pensamento ocidental. Como dito, as dualidades são infinitas e o pensamento humano se posiciona, ontológica e epistemologicamente, para fazer frente e explicar esses “desvãos na estrutura do real” (p. 17), com urgência de conhecer e classificar a realidade enfrentada. E assim fazendo, nunca está livre de posições político-ideológicas.

A intenção destas reflexões não é pretensiosa a ponto de querer esclarecer conceitos que estão há séculos em processo de disputa e identificação, mas colocar em confronto os que são utilizados neste artigo e assumir posições. As dualidades enfrentadas nesta discussão são prostituição versus vida familiar tradicional, e trabalho socialmente valorizado versus trabalho marginalizado, ou sujo. Pode-se refletir, como fez Douglas (2010), sobre as origens e impressões do que veio a ser considerado sujo/poluído na antropologia de sua época, sendo que nasciam de sistematizações e juízos de grupos sociais sobre outros, de culturas sobre outras, como no caso do olhar ocidental frente aos povos originais de terras conquistadas. Em suas palavras, “a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador. [...] A impureza é uma ofensa contra a ordem” (p. 6-7). A sensação de desordem pode decorrer do desconhecimento, do preconceito, do olhar de estranhamento e de surpresa. Sejam quais forem as dualidades, ou pensamentos e posições opostos, a ideia aqui não é sintetizá-los, ou encontrar semelhanças, apesar de ser esse o fundamento do pensamento ocidental, como acima colocado, mas, principalmente entender como convivem e se interseccionam esses opostos, nas relações sociais.

Portanto, o trabalho sujo aqui discutido não é derivado de juízo de valor, mas do conceito cunhado inicialmente por Hughes (1958), que o entendia como sendo o conjunto de atividades de menor prestígio social, invisibilizadas, estigmatizadas, apesar de suas relevâncias na vida social



(Bendassolli e Falcão, 2013). Hughes partiu do estudo do envolvimento de agentes nazistas no extermínio de judeus, em campos de concentração. Da fricção entre opiniões da sociedade sobre essas práticas, e sobre os que a exerciam, nasceu o conceito de trabalho sujo. A definição de trabalho sujo foi modificada a partir do estudo de novas formas de organização do trabalho ao longo dos tempos, mesmo sendo ainda é um conceito pouco estudado, e marcado pela divisão moral do trabalho (Batista e Codo, 2018).

À medida em que as ciências adotaram posições mais críticas, afastando-se de visões puritanas ou positivistas, esses temas ganharam espaço na pesquisa e na produção de conhecimento, ao invés de serem relegados à invisibilidade e à indiferença. O trabalho, por exemplo, hoje é concebido como estruturante da vida humana e não somente como uma atividade produtiva e de viabilidade econômica (Bendassolli e Falcão, 2013). Dessa forma, exercer um trabalho considerado sujo, marginalizado, causa diversos impactos nos indivíduos e grupos que o executam.

A prostituição, por sua vez, neste estudo é pensada como ocupação presente, mas invisível aos olhos da sociedade, ainda que milhões de indivíduos trabalhem com sexo e muitos outros o consumam ao redor do mundo. Um garoto de programa foi estudado, sendo parte de uma atividade profissional que difere grandemente em práticas, cuidados, prevenção, informação, entre muitas outras características. Dessa forma, os dados coletados não são generalizados, como representativos dos garotos de programa.

Busca-se realizar uma pesquisa útil, oportuna e relevante à academia e à comunidade (Alvesson e Sandberg, 2013), dessa forma, sendo a prostituição uma ocupação negligenciada pelo Estado e pela sociedade, apresentar a realidade do mercado do sexo, desacomoda tabus e, assim fazendo, lança luz sobre o tema e contribui para a formulação de políticas que deem mais atenção aos trabalhadores sexuais. Busca-se também compreender as masculinidades e o sentido dos corpos na prostituição masculina e, do mesmo modo, de que maneira as relações sociais concebem ou designam a prostituição, como trabalho sujo.

Corpos são meios para os relacionamentos sociais, são imagem e essência frente aos outros e a nós mesmos. Corpos são amados, odiados, cuidados, feridos, destruídos e, na dita profissão mais antiga do mundo, são usados para satisfazer as mais secretas fantasias sexuais. Para que o



aluguel¹ do sexo se estabeleça comercialmente são necessários cuidados com o corpo, que conseguem manter os clientes interessados, cativos e, por que não, até amigos e provedores. Algumas das questões de foco que emergem dessas primeiras considerações, e que fundamentam o artigo, são o corpo como comércio, a gestão dos riscos deste corpo em uma atividade como a prostituição, e o significado de trabalho sujo e suas consequentes discriminações sociais.

A prostituição é uma ocupação presente em registros oficiais e bíblicos há séculos. Estima-se que cerca de 40 milhões de pessoas no mundo a exerçam, sendo as mulheres 75% deste contingente, a maioria entre 13 e 25 anos. É estimado que 75 mil brasileiros e brasileiras trabalhem no exterior com prostituição, a maioria de forma clandestina (Meihy, 2015). Por razões que não discutiremos aqui, certamente fundadas no machismo patriarcal, parece ser mais fácil conceber a prostituição como atividade feminina, incluindo travestis e mulheres transexuais, do que masculina. O tabu aumenta quando se sabe que trabalhadores sexuais masculinos, performantes de virilidade e masculinidade, atendem homens considerados socialmente heterossexuais e “pais de família”. A condenação não vai diretamente a esses, mas à sociedade que os confina nessa performance. Mesmo considerando esse contexto, a prostituição masculina é praticada no Brasil há alguns séculos (Trevisan, 2018; Green, 2019), e ainda são poucos, desde muito tempo, os estudos que abordam sua prática por homens (Perlongher, 1987; Santos, 2021).

A prostituição masculina envolve uma acurada organização do trabalho, pois é densa na administração de rituais próprios do ofício – como a manipulação de anabolizantes, estimulantes sexuais, psicotrópicos, controle de infecções sexualmente transmissíveis, entre outras substâncias e práticas, que exigem a gestão de risco. Cumprir essas prerrogativas define o desempenho do profissional, a segurança, o reconhecimento e a valorização no mercado sexual. O garoto de programa² desta pesquisa, que trabalha exclusivamente com homens, é um exemplo de como as exigências de corpo e de comportamentos são cruciais para a aprovação do profissional pelos clientes.

¹ Neste estudo, utiliza-se o termo aluguel do sexo, tendo em vista que a “venda” denota submissão e despersonalização do trabalhador sexual, enquanto que aluguel mantém a propriedade e integridade pessoal deste, conforme Soares, *et al.* (2015).

² Nesta pesquisa, expressões como *boys*, profissionais do sexo e trabalhadores sexuais, mistura entre os termos socialmente corretos e os próprios do ambiente desses profissionais, serão utilizadas para se referir aos garotos de programa.



Além desta introdução, o presente estudo está dividido em uma seção de discussão teórica, onde são analisados conceitos como corpolatria, masculinidade e virilidade na prostituição, derivando para os conceitos de trabalho sujo e gestão de riscos. Apresentamos os procedimentos metodológicos, seguidos da análise e discussão das entrevistas com o garoto de programa, o qual denominamos Narciso.

1. A PROSTITUIÇÃO MASCULINA: CORPOS, MASCULINIDADE E VIRILIDADE

O perfil de garoto de programa, ou o corpo mais desejado pelos clientes, é o que expressa masculinidade e virilidade. Segundo Santos (2021), profissionais com músculos salientes, chamados de “sarados”, sem pelos e com o pênis grande são valorizados e escolhidos pelo maior número de clientes. Não existe distinção entre homens brancos ou negros pelo público consumidor, mesmo sendo já clássico no imaginário popular, a ideia de que o homem negro tenha o órgão genital mais avantajado (Perlongher, 1987).

O conceito de corpolatria é aplicado ao culto do corpo, da beleza e da perfeição. O corpo é um objeto simbólico, a partir do qual são transmitidas inúmeras mensagens, relacionadas à saúde, ao prestígio, à força, à segurança e ao poder (Goldenberg, 2015). É a principal ferramenta de trabalho dos profissionais sexuais, que transformam suas vidas em uma busca contínua, por um corpo desejado e consumível (Le Breton, 2006; 2013). A maior parte dos clientes dos garotos de programa estão à procura de corpos perfeitos e definidos, músculos avantajados, sem sinal de defeitos ou deficiências físicas (Santos, 2021). Além disso, é exigido que os profissionais performem a masculinidade hegemônica, ou seja, marcada pela virilidade.

Da mesma forma que se discute hegemonia na sociedade, para as diferentes submissões de classes e grupos a outras classes e grupos, o conceito aplica-se a gênero e sexualidade (Baydoun, 2020; Gramsci, 1971). A masculinidade hegemônica dita o modo como homens devem se comportar em sociedade, é o conjunto de traços e características que delimitam o que e quem pertence ao espaço masculino e ao espaço feminino. A masculinidade hegemônica define e compreende o ser homem e permite perpetuar a superioridade masculina na sociedade ocidental (Eccel; Saraiva e Carrieri, 2015). As masculinidades



hegemônicas são construções sociais que variam ao longo do tempo, da cultura e da sociedade (Connel e Messerschidt, 2013).

A virilidade geralmente está relacionada ao homem jovem, com boas condições de saúde, sexualmente ativo, que não expressa ou controla os sentimentos e apresenta comportamentos mais agressivos, que remetem à bravura e à coragem (Machado, 1998). O homem viril deve se afastar de qualquer traço feminino, para que a sua reputação não seja posta sob suspeita, pelos demais membros da sociedade (Cerqueira, 2012). A cultura machista e patriarcal determina esses pré-requisitos, para não comprometer a masculinidade e a virilidade, assim como, para garantir o crédito social (Nonato, 2020). Nas sociedades ocidentais, o feminino é considerado inferior e sinônimo de fragilidade (Moura; Nascimento e Barros, 2020).

2.1 Trabalho Sujo

O trabalho tem centralidade na vida social e psíquica das pessoas. Para Gernet e Dejours (2011, p. 63), é “um conjunto complexo de relações entabuladas entre o sujeito e aqueles com e para quem ele trabalha, a fim de coordenar as inteligências singulares”. O trabalho é também fonte de prazer e sofrimento, dependendo de sua organização e da capacidade de equilibrar necessidades físicas e psicológicas. Contudo, em determinadas situações o sofrimento prevalece, gerando adoecimento físico e/ou mental, podendo levar inclusive ao suicídio (Dejours, 1996).

Se transpormos essas características ao conceito de trabalho sujo, associamos características como degradação e repugnância (Hughes, 1958), próprias de ocupações entendidas como desagradáveis, mesmo sendo essenciais (Adams, 2012). O termo “trabalho sujo” é carregado de conotação negativa e vem utilizado em ocupações como: coveiros, trabalhadores da limpeza urbana e hospitalar, advogados criminalistas, médicos legistas, agentes penitenciários, policiais militares e profissionais do sexo (Bendassoli e Falcão, 2013; Cerqueira; Misoczky, 2021; Monteiro *et al.*, 2017; Pereira *et al.*, 2020). Os profissionais que desempenham atividades sujas são julgados, estigmatizados e excluídos (Lhuillier, 2009). Para Douglas (2010), o trabalhador impuro ou intolerável é aquele que exerce uma atividade profissional considerada fora de padrões dominantes de higiene na sociedade, poluído, sem crédito ou desqualificada pelo coletivo.



O trabalho sujo é fonte de problemas de saúde física e mental, pois o desgaste e o risco de alguns ofícios podem causar acidentes e tensão no trabalhador, além das óbvias consequências como cheiro, o contato com materiais tóxicos ou em decomposição, com pessoas e situações perigosas, violentas, etc. A pressão psicológica com que tais trabalhadores convivem, a exclusão, o sofrimento físico e emocional são produtores de adoecimento nos indivíduos (Bendassoli e Falcão, 2013). Em suma, uma atividade é considerada suja em decorrência do grupo social que a desempenha, por ser moralmente desqualificada pelo coletivo, por ter sua conduta questionada ou entendida como pecaminosa (Pereira; Paiva e Irigaray, 2021), como a prostituição e a ideia que carrega, de sexo sendo oferecido e comercializado.

1.2 A Gestão de Riscos

A gestão de riscos é uma estrutura montada para controlar eventuais adversidades, que possam prejudicar a organização do trabalho, ou o “processo por meio do qual as diversas exposições ao risco são identificadas, mensuradas e controladas” (Brito, 2003, p. 15). Diz respeito a procedimentos que procuram evitar danos e assegurar o desenvolvimento das atividades em uma organização (Coetzee e Lubbe, 2011), assim como é a capacidade de tomar decisões assertivas, que visem melhorar os resultados e minimizar as incertezas (Hill e Dinsdale, 2003).

A gestão de risco, portanto, é um conjunto de práticas aplicáveis a indivíduos, às organizações, à sociedade, ao meio ambiente, tais como políticas de saúde pública, de proteção ambiental, de cuidado e atenção à vida, e são em grande parte de responsabilidade do Estado (Spink, 2014). Tais políticas buscam mapear, identificar, analisar, avaliar e priorizar os grupos considerados de risco, além de monitorá-los com o propósito de deter eventuais danos ao sujeito, ao coletivo ou às organizações. Os indivíduos também criam as suas próprias formas de contingenciamento de possíveis danos que possam sofrer em suas atividades, desenvolvendo modelos peculiares de gestão de risco (De Luiz e Spink, 2013; Barreto, 2017a).

A superação de desafios pelos sujeitos submetidos a trabalhos sujos está relacionada à gestão de riscos, ao desenvolvimento de táticas que possibilitem o aperfeiçoamento de habilidades de proteção e ao acesso a informações que auxiliem nesse enfrentamento (Saraiva, 2013). Para Moreira *et al.*, (2018), a classe social, a idade, o gênero e a etnia são



determinantes para compreender o modo como os indivíduos lidam com o risco e como exercitam a proteção, principalmente pelo acesso às informações de que dispõem e necessitam. Sexualmente, a maneira de gerenciar os riscos varia muito, a depender das pessoas, da forma como tratam a prevenção e a exposição a infecções, do meio em que vivem, e das informações que acessam (Leite; Murray e Lenz, 2015).

No que tange à prostituição masculina, a gestão de riscos se faz necessária na organização do ofício, não somente nos tipos de práticas sexuais (De Luiz, 2011), como também no uso de psicotrópicos, anabolizantes e medicamentos, por iniciativa própria ou por solicitação dos clientes, por vezes, sem prescrição e acompanhamento de profissionais habilitados (Santos, 2021).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualitativa e exploratória pretendia seguir o método de histórias de vida, porém, a aproximação ao campo demonstrou que o tempo desses profissionais tem um custo, já que exercem a prostituição como forma de trabalho e manutenção econômica. Dessa forma, mudou-se a estratégia de aproximação e, com algum esforço, foram possíveis duas entrevistas com Narciso, um garoto de programa de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul. Os objetivos do que pretendia ser uma história de vida balizaram a coleta de dados por meio de entrevistas abertas e observação *in loco* da realidade deste profissional, entendendo que dois encontros não poderiam ser classificados como tal.

Na entrevista aberta não há roteiro, a liberdade de condução consente que o/a pesquisador/a investigue de modo acurado determinados assuntos. A técnica permite, através de uma conversa informal, que seja discutido o objeto específico do estudo (Gil, 2022; Lakatos, 2021). Desse modo, foi realizada a escuta livre do sujeito, visando a realização de um estudo sobre gênero e sexualidade, que permitisse o compartilhamento de experiências por uma pessoa socialmente invisibilizada (Corrêa, 2012).

A abordagem qualitativa permite examinar cuidadosamente os comportamentos humanos e os significados que os indivíduos atribuem à realidade. O trabalho do pesquisador é o de investigar o contexto ao qual os sujeitos pertencem, analisando os significados que estes imputam às suas ações, como também narrar e fazer ecoar as suas relações e atitudes (Baptista, 1999). Histórias, crenças, relações, opiniões



e percepções puderam ser relatadas e interpretadas pelo sujeito participante, e o compartilhamento possibilitou espaço aos sentimentos e sensações emergentes nas entrevistas.

A intenção era compreender as subjetividades do indivíduo pesquisado e, ao mesmo tempo, refletir sobre o contexto sócio-histórico em que está inserido (Colomby *et al.*, 2016; Granato; Lopes e Costa, 2020). A identidade e o autoconhecimento estão na base da construção do sujeito sócio-histórico, ou seja, o entrelaçamento entre identidade, família e classe social (Gaulejac, 2016). A investigação social cruza trajetórias e impactos sofridos durante a vida (Mageste e Lopes, 2007). Para o pesquisador, é uma oportunidade singular ouvir o indivíduo pesquisado, e para o indivíduo é um momento para ser ouvido, permitindo-se também refletir sobre o vivido. Métodos de narração e escuta, como colocado por Glat (1989, p. 30) “tem como consequência tirar o pesquisador de seu pedestal de ‘dono do saber’ e ouvir o que o sujeito tem a dizer sobre ele mesmo: o que ele acredita que seja importante sobre sua vida”. Barros e Lopes (2014), complementam essa ideia afirmando a importância de entender na pesquisa, como histórias individuais e coletivas se articulam.

Na pesquisa com Narciso, a abordagem escolhida, entrevistas abertas, com pouca intervenção dos pesquisadores, permitiu a ele o controle do andamento da coleta de dados, narrar os fatos que marcaram a sua trajetória de vida, analisar a relevância destes no passado e entender a interferência no presente (Godoy, 2018; Santos e Glat, 1999). Dessa forma, a abordagem buscou ser política e emancipatória, dando visibilidade ao que se declarou, narrou e suas interpretações sobre fatos e eventos. Embora seja particular a cada sujeito, a trajetória de vida, quando compartilhada com outros indivíduos, pode provocar identificação, empatia, despertar interesses, etc.

Para encontrar o sujeito desta pesquisa, foi necessário entrar no *site* de buscas *Google*, inserindo no campo de pesquisa “garoto de programa Porto Alegre”, que listou uma série de possibilidades. Como forma de seleção, decidiu-se acessar as primeiras sugestões. Fez-se contato com os três primeiros garotos de programa sugeridos pela busca: o primeiro recusou-se a participar da pesquisa, o segundo informou que participaria mediante o pagamento do valor de um programa. Por fim, o terceiro garoto de programa contatado aceitou colaborar com o estudo, contando sua trajetória profissional e de vida. Foram realizados encontros no local onde o profissional realiza os atendimentos, entre os meses de maio e junho de 2021. O indivíduo desta pesquisa está sendo



identificado como Narciso, personagem da mitologia grega, conhecido por sua beleza, vaidade e orgulho.

3. NARCISO E O SEU ESPELHO

Narciso é um profissional do sexo, com aproximadamente 40 anos de idade, atuante há 20 anos em Porto Alegre, que afirma ter sido o primeiro “cafetão”³ de homens da cidade e até hoje atende programas de forma individual. Durante sua infância, diz ter sido uma criança “comum”, sem traumas e abusos. Porém, considera que já tinha “a sexualidade a florada”, pois desde muito cedo soube o que era sexo e manifestava curiosidade e interesse pelos vizinhos, amigos e outras pessoas que frequentavam a sua casa. Declara-se bissexual, pois se relaciona sexualmente com pessoas dos gêneros masculino e feminino (Reis, 2018), sendo que os programas são exclusivamente com homens.

O garoto de programa revela uma boa relação com a família, formada por mãe, pai, irmãos e um filho, fruto de um relacionamento com uma amiga. Sua família conhece a atividade que exerce, o respeita e apoia. Narciso começou a fazer programas após uma decepção amorosa, quando ficou fragilizado e descrente da possibilidade de um novo relacionamento estável. A pesquisa de Santos (2021) com garotos de programa de luxo na cidade de São Paulo confirma que o fim de relacionamentos e a possibilidade de ganhos imediatos são gatilhos para o ingresso na prostituição.

Narciso sempre trabalhou em atividades relacionadas ao corpo, demonstrando seu culto à beleza, e o uso simbólico e profissional do corpo, conhecido como corpolatria (Goldenberg, 2015). Além de garoto de programa e proprietário de agência de programas, foi *personal trainer*, massagista e ator de comerciais. Mesmo quando desempenhava estas outras atividades, os programas sempre fizeram parte de sua rotina profissional. A busca pelo corpo desejado e admirado faz parte do trabalho sexual, garantindo vida mais longa no mercado aos profissionais que o mantêm (Le Breton, 2006; 2013).

Durante alguns anos, Narciso foi dono de uma agência que organizava os programas de diversos profissionais, homens e mulheres. Ao longo do tempo, a agência foi se consagrando no mercado do sexo de Porto Alegre e se tornando referência de boa qualidade e atendimento, segundo o entrevistado. Afirma prezar pela boa qualidade de

³ O proxeneta, ou vulgarmente conhecido como “cafetão”, é a pessoa que administra a clientela para garotas(os) de programa, recebendo parte dos rendimentos, pelo agenciamento.



atendimento e que sempre se destacou por isso. Em ocasiões, quando os clientes não aprovavam o serviço prestado por seus agenciados e demonstravam insatisfação com o atendimento, Narciso enviava outro profissional ao cliente, ou ele mesmo realizava o programa. Nessas ocasiões, não cobrava pelo atendimento, de forma a garantir a manutenção do cliente.

Narciso sempre aconselhou os profissionais que agenciava a estudarem, pois a prostituição não garante uma fonte de renda segura, futuro ou aposentadoria. A maior parte deles seguia na área da estética e, em algumas ocasiões, ele buscava cursos e bolsas de estudo em escolas, para que os profissionais pudessem terminar o ensino básico. O garoto de programa percebe que boa parte dos trabalhadores sexuais permanecem na profissão por até três anos, o que é confirmado por um estudo com profissionais do sexo em São Paulo (Santos, 2021). Os profissionais pensam em outras fontes de renda e formação, para que possam deixar o ofício em situações de mudança de seus corpos e eventuais problemas de saúde.

Narciso assume ter agido com violência com seus agenciados, na cobrança por educação, nas exigências de trabalho e na repressão a comportamentos indesejados. Isso geralmente ocorria quando um dos garotos de programa não se comportava de maneira adequada com um cliente, ou falhava na organização do trabalho. As práticas violentas são recriminadas, mas necessárias, segundo o entrevistado, para garantir a autoridade entre os profissionais da agência. A violência está presente na prostituição masculina (Perlongher, 1987), e este fenômeno pode ser um dos motivos que fazem do ofício um trabalho sujo (Cerqueira e Misoczky, 2021; Pereira; Paiva e Irigaray, 2021).

A sua agência encerrou as atividades após a criação de um *site*, por um de seus ex-funcionários, com agenciamento de forma mais vantajosa para os profissionais, todavia, com qualidade inferior, conforme Narciso. Atualmente, ele cobra R\$500,00 por programa, podendo ser considerado um garoto de programa de luxo (Santos, 2021). Ele conta que, no período em que foi proprietário da agência, chegou a lucrar R\$30.000,00 por mês. Hoje, diz que, mesmo lucrando próximo de R\$10.000,00 mensais, possui muitos gastos com aluguel, anabolizantes, psicotrópicos, tratamentos estéticos, gel lubrificante, academia e limpeza do apartamento. Considera-se um empreendedor, que diferencia o seu negócio, mantendo cuidados que garantem um serviço de qualidade e de referência. Mostrou um livro onde mantém anotações sobre o perfil de cada cliente, para orientar-se como deve proceder nos atendimentos: o



cliente X não gosta de beijo na boca, o cliente Y prefere sexo oral de determinada maneira, o cliente Z não gosta de cheiro de cigarro.

Narciso relatou bons e longos relacionamentos com antigos clientes, os quais enviam dinheiro para ajudá-lo com as despesas do dia a dia. Por este auxílio, não é esperado sexo como retorno. Segundo ele, é comum que antigos clientes o ajudem financeiramente, isto se dá em razão da boa prestação de serviço que realizou no passado e pelos laços afetivos que os programas criaram. Santos (2021) confirma que é comum no trabalho sexual que clientes e ex-clientes deem dinheiro ou presentes aos *boys*, sem esperar algo em troca, reforçando o laço afetivo, construído entre profissionais e clientes.

A maioria dos clientes de Narciso é de homens cisgêneros – indivíduos que se identificam com o sexo/gênero dado ao nascer (Vergueiro, 2015) – declaradamente heterossexuais e muitos casados com mulheres. Entre esses, há atores e diretores de televisão, médicos e empresários conhecidos na sociedade local, além de membros de facções criminosas da região. Quanto aos produtos que oferece aos clientes, Narciso referiu quatro, que divulga em *sites*, para atender diferentes perfis de clientes e diversificar a clientela: (1) “Narciso”, sendo o garoto de programa ativo no sexo anal; (2) “marimba”, em referência aos seus músculos hipertrofiados; (3) “passivo submisso”, o qual é somente receptor no sexo anal; e (4) *cross-dressing*, prática em que ele e/ou o cliente fazem uso de vestimentas e adereços do universo feminino como saias, vestidos, salto alto, maquiagem, entre outros.

Santos (2021) também identificou *boys* que utilizam a mesma estratégia de diversificação, para atingir o maior número de clientes, oferecendo produtos pensados para atender ambientes distintos. Narciso evita que sua masculinidade e virilidade sejam postas sob suspeita, principalmente pela disponibilização do produto “passivo submisso”, e por isso o divulga em *sites* específicos, que atendem determinado tipo de público. Na busca pela virilidade, um profissional que pratica o sexo anal como receptor tende a ser desvalorizado entre os clientes (Santos, 2021).

4.1 Gestão de Riscos: Drogas e IST

As drogas, legais ou não, fazem parte do dia a dia de Narciso, o qual mencionou que há vinte anos faz uso diário de estimulante sexual, Viagra (citrato de sildenafila), além de substâncias psicotrópicas, como cocaína, MDMA (metilenodioximetanfetamina, ecstasy), key (cetamina) e GHB (ácido gama-hidroxitirato). Além disso, faz uso de



anabolizantes, para hipertrofiar os músculos, e semanalmente realiza tratamentos estéticos como manicure, pedicure e bronzeamento artificial, para ficar com a “marca da sunga”, que desperta fetiches. A busca pelo corpo considerado perfeito faz com que, segundo ele, tenha que recorrer a substâncias químicas para aumentar os músculos, atitude considerada comum entre os garotos de programa (Santos, 2021).

Narciso faz a depilação total de seu corpo, incluindo braços e pernas, apesar de pesquisas apontarem que pelos nas pernas, nos braços e no rosto são sinais de virilidade e força, características apreciadas pela maioria dos clientes (Araújo; Bandeira e Silva, 2015). Segundo narrado, a depilação total é uma exigência dos clientes, preocupados com limpeza e higiene. Conforme Ceccheto (2008), um homem másculo e viril deve ostentar músculos inchados e pelos nos lugares ideais, o rosto não precisa ser bonito, a estrutura física é o que importa. A corpolatria, (Goldenberg, 2015) faz Narciso recorrer a frequentes procedimentos estéticos e utilizar drogas anabolizantes, visando acelerar a hipertrofia muscular. O uso de estimulantes sexuais se dá pela alta demanda de atendimentos e pela imposição de sempre estar com o pênis ereto, como demonstração de atração e desejo pelos clientes, em que pese, não se sinta sexualmente atraído por muitos destes.

Narciso, quando questionado sobre os cuidados com infecções sexualmente transmissíveis, referiu que os clientes preferem não usar preservativos e, em razão disso, ele faz auto aplicação frequente de duas injeções de Benzetacil (benzilpenicilina benzatina), sugerido por um ex-namorado médico, para impedir o contágio de sífilis. Apesar de Narciso mencionar não fazer uso de preservativo durante alguns programas, pesquisas apontam o contrário, indicando um alto índice de trabalhadores sexuais que se protegem de IST – infecção(ões) sexualmente transmissível(is) – fazendo o uso do preventivo (Cavalcante *et al.*, 2021; Santos, 2021). O entrevistado também faz uso da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição), para evitar o contágio por HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana). As luzes do apartamento de Narciso são todas *neon*, pois conforme informou, ajudam a detectar problemas identificáveis na pele associados ao contágio da sífilis ou outra IST.

O azul matiza o branco. Bate a luz azul na pele, qualquer escuro que tiver, ela vai gritar. Porque ele fica mais claro, entendeu? Por isso, que tudo aqui é azul, porque eu já faço isso e já vou analisando ali. O interesse pela massagem surgiu por isso. Uma das coisas foi essa, porque eu consigo em uns 30 minutos analisar o corpo do cliente. Enquanto eu ‘tô fazendo a massagem anal ali, eu fico [gesto de



cheirar os dedos]', para ele não ver, para ver se ele já fez a higiene. Essa técnica de trabalho. Aí o cliente quer penetração, você vai fazer penetração. Claro que tem mil coisas ali que você tá correndo o risco, né? Eu não aconselho ninguém a fazer isso que eu faço, inclusive hoje é dia de fazer, né? Mas, por exemplo, eu faço duas Benzetacil hoje e duas Benzetacil na próxima semana. Isso é método de profilaxia de outras coisas, né, além da PrEP, porque a PrEP é só HIV e a Benzetacil é para tudo. Bacteriana, sífilis, gonorreia, mas eu não aconselho a ninguém a fazer isso, porque eu faço com segurança. Vai falar com médico ele vai dizer, “nossa”, mas eu conversei com médicos, amigos íntimos, que são da putaria, eles que me ensinaram (Narciso).

A experiência de práticas sexuais sem preservativo deixa clara a gestão de riscos na carreira de Narciso (De Luiz, 2011; De Luiz e Spink, 2013). Mesmo tendo conhecimento das consequências, realiza o trabalho conforme desejado pelos clientes e, para minimizar a possibilidade de contágio, estabeleceu práticas que, segundo ele, evitam a transmissão de alguma infecção, como o uso de luzes *neon* para observar com maior precisão os corpos dos clientes, a penetração de somente parte no pênis a fim de evitar o contato com possíveis fissuras anais e o consequente sangramento, além de, em certos casos, precisar solicitar aos clientes para que tomem banho e façam a “chuca” (técnica de limpeza da região anal), assim como ensinar aos que desconhecem a prática. Além disso, como referido, utiliza medicamentos de forma continuada, para evitar infecções.

Destaca-se que todo este gerenciamento do risco é feito enquanto Narciso executa as preliminares e o ato sexual. Ao tirar a roupa do cliente, fazendo massagem ou tocando determinadas partes do corpo, faz uma vistoria. A fronteira tênue entre a sedução, o prazer e o “exame” que pratica em seus clientes realça os modos de realizar o seu trabalho e de zelar por sua saúde. Ao mesmo tempo que explora e satisfaz os desejos sexuais do cliente, ele cria suas próprias formas de contingenciamento e alternativas de gestão dos riscos, que lhe permitem uma certa segurança ou, pelo menos, a sensação de tranquilidade (De Luiz e Spink, 2013; Barreto, 2017a).

Em suma, Narciso realiza a administração de riscos conforme a experiência que adquiriu em programas e por meio de contatos pessoais com médicos e pessoas próximas que lhe passam informações. O *barebacking*, sexo anal sem preservativo, também está na gestão de riscos de Narciso, que como visto, assume PrEP, para prevenir o HIV, e Benzetacil para impedir infecções, ilumina o seu apartamento com luzes *neon*, para inspecionar os corpos dos clientes, pratica sexo anal de



maneira menos agressiva, porém, parece negligenciar, ou ao menos não mencionou, outras infecções sexualmente transmissíveis como a herpes genital, tricomoníase, infecção pelo papiloma vírus humano (HPV), hepatites virais B e C, entre muitas outras (Brasil, 2021).

Os psicotrópicos, anabolizantes e estimulantes sexuais, são tidos como solicitação dos clientes, para aumentar o desejo sexual e tornar a prática mais ousada. O uso excessivo de drogas durante as relações sexuais vem se tornando um problema de saúde pública (Branquinho, 2020), o chamado *chemsex*, abreviação de *chemical sex* (sexo químico), é motivo de grande preocupação das autoridades sanitárias da Inglaterra, por exemplo (Lisboa, 2022). O país europeu formulou uma política pública a fim de conscientizar a população em geral, mas principalmente os homens que fazem sexo com outros homens, sobre os perigos de conciliar psicotrópicos e sexo. Essa combinação traz riscos à saúde pelos efeitos das drogas, além do fato de algumas substâncias possuírem efeitos duradouros, como a metanfetamina, fazendo com que o usuário entre em um estado mental que pode favorecer a negligência, com o uso de preservativo e/ou a PrEP, por exemplo, ficando mais exposto às IST. Além, é claro, de correr riscos de sofrer violências, assaltos, e crimes em geral.

4.2 Trabalho Sujo: intersecções com a prostituição

A prostituição é socialmente considerada uma ocupação suja (Cerqueira e Misoczky, 2021). A história de Narciso e a literatura tornam possível entender características que identificam o ofício, com os critérios do trabalho sujo. A moralidade é um fator que histórica e socialmente designa a prostituição como um trabalho sujo (Batista e Codo, 2018; Pereira; Paiva e Irigaray, 2021), por exemplo, livros bíblicos ou documentos históricos, sempre associaram a prostituição ao mal, à doença e à desgraça de famílias e sociedades (Meihy, 2015). Hoje, a moralidade de séculos atrás ainda se faz presente, mesmo que de forma menos punitiva e, quando associada a outros fatores, reforça a ideia da atividade suja e desviante.

Pelo relato de Narciso, são observados pontos em sua trajetória que compõem a percepção social do sujo e do desviante, como o uso de fármacos e drogas durante os programas, assim como, determinadas práticas sexuais (Andrade e Nunes, 2009; Bendassolli e Falcão, 2013). A marginalidade social pela qual os profissionais sexuais são percebidos e, muitas vezes conduzidos, é mais um exemplo que indica a



subalternização da atividade (Lhuilier, 2009). A exposição a infecções sexualmente transmissíveis, do mesmo modo que a violência que circunda a prostituição, mostram-se como sinais que classificam o trabalho sexual como distante do ideal social de trabalho e de carreira respeitável e digna (Adams, 2012). Mesmo assim, Narciso entende a prostituição como tendo um papel na preservação da sociedade, dos casamentos e do bem-estar dos filhos.

Nós somos os termômetros da sociedade. Principalmente as meninas, as prostitutas. Elas têm esse poder de acalmar e segurar famílias. Porque graças a ela o cara não larga a mulher, porque o cara sempre ia largar a mulher pra pegar uma novidade. Alguns até fazem isso. Os que não tem dinheiro. Mas o cara que tem grana, que se mantém porque dali daquela família, dali vai sair novos dentistas, novos médicos, novos psicólogos, novos terapeutas, porque tem base. Os filhos estudaram bem e vão ser o futuro do nosso país. É importante que essa família se mantenha firme. E aparentemente pelo menos né. Tudo ok! A prostituta que vai fazer isso. Senão vai aparecer amante. Vai destruir aquela família, os filhos vão ficar revoltados porque não estão acostumados a passar por nada na vida, né. Tudo filho de papai. Aí imagina um divórcio. Aí um vai pra droga. Outra fica louca. Pega carência e se atira pro primeiro vagabundo que tem pela frente. Não faz mais faculdade. Se fode toda, né? Então que é isso, que é algo importante, tanto pessoal quanto social (Narciso).

Questionado se aceitaria que o seu filho fizesse programa, Narciso responde que não, pois é uma vida difícil e arriscada, que não deseja para o filho, que hoje tem 20 anos de idade. Quando o filho completou 18 anos demonstrou interesse em realizar programas, para poder comprar uma motocicleta, e o pai recusou dizendo que deveria buscar outra forma de ganhar dinheiro. Ele sabe que não pode proibir o filho, caso fosse uma decisão tomada hoje, e o conselho que deu foi “não faça passivo, primeiro porque doíe segundo porque queima o filme”. Questionado pelo filho sobre o motivo de “queimar o filme” ao ser o receptor no sexo anal ou oral, Narciso disse que “o cliente quer o macho, o cara que dá a bunda não é macho, embora todos os clientes que dão, são casados, são héteros”.

O comentário de Narciso reforça o que outras pesquisas apontam (Barreto, 2014; Barreto, 2016; 2017B; 2019; Barreto; Silveira e Grossi, 2012; Hamann; Pizzinato e Rocha, 2017; Perlongher, 1987; Swami e Tovée, 2008), que ser um homem másculo e viril diz respeito ao modo de performar atitudes comportamentais e sexuais; o sujeito “passivo”, receptor no sexo anal ou oral, é considerado inferior, assim como os



homens com comportamentos afeminados, ou seja, práticas consideradas femininas no sexo. Narciso, após tantos anos de prática e por ter cultivado o respeito de clientes fieis, se sente seguro em seu mercado de atuação pois, mesmo adepto a práticas discriminadas por alguns clientes, sente-se acima de preconceitos, “se eu quisesse plantar bananeira no meio da sala e dançar *la cucaracha*, eles iam bater palmas e dizer que tá bom”.

Através deste relato, observa-se que a ideia de trabalho sujo está presente inclusive no discurso de Narciso, que não deseja o mesmo ofício para o filho, assim como desqualifica os profissionais que realizam o sexo anal, como se fossem uma categoria inferior, dentro de um ofício já considerado socialmente subalterno (Nonato, 2020; Moura; Nascimento e Barros, 2020). Por fim, questionado sobre qual seria o sentido de seu trabalho, respondeu que o trabalho representa poder e autonomia, para ser quem ele deseja ser. O trabalho permite que ele seja “tudo ao mesmo tempo. Eu sou uma empresa”. A fala de Narciso vai ao encontro do que os garotos de programa de luxo entrevistados por Santos (2021) entendem como o sentido do trabalho na prostituição: liberdade, autonomia e oportunidade de ser e ter o que desejam.

4.3. Trabalho e Pandemia

A pandemia de Covid-19 foi um dos piores momentos na carreira de Narciso. Desde março de 2020, o número de clientes reduziu substancialmente, prejudicando seus projetos e planos, assim como o obrigando a se desfazer de alguns bens, como roupas e relógios, para atender às necessidades básicas. Apesar de relatar receber valores mensais consideráveis, Narciso parece não ter acumulado recursos para garantir o seu sustento em situações de afastamento do comércio sexual, situação semelhante a de outros profissionais do sexo que não realizam planejamento e controle financeiro (Viana, 2010; Barreto, 2017b; Santos, 2021).

Conforme Dias (2021), desde o início da pandemia de Covid-19, os garotos de programa sofreram com a diminuição do número de clientes, em razão das medidas restritivas de isolamento, que obrigaram as pessoas a permanecerem em casa, em teletrabalho, e impossibilitadas de saídas durante o horário de almoço, prática habitual principalmente entre homens casados. Igualmente, com a crise econômica e o desemprego decorrentes da pandemia houve restrições quanto aos gastos com serviços sexuais.



Antes da pandemia, Narciso estudava inglês, para passar uma temporada em Amsterdã (Países Baixos), contudo, com o início do surto de Covid-19 na Europa, o fechamento de estabelecimentos e o impedimento de acesso de imigrantes aos aeroportos, viu-se impedido de realizar a viagem, o que lhe causou muito descontentamento e frustração. Narciso também precisou ajudar financeiramente antigos profissionais que trabalhavam em sua agência, pois sentia-se obrigado, em razão dos compromissos assumidos no passado e pela consideração aos profissionais. Isto foi mais um agravante à sua situação financeira.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou entender como é desenvolvido o gerenciamento dos riscos e da organização do trabalho na prostituição masculina. A partir do relato de Narciso, compreendeu-se muitos dos aspectos de concepção e construção da profissão. A necessidade de corpos musculosos, de atitudes másculas e virilidade são componentes básicos para tornar-se um garoto de programa reconhecido e valorizado no mercado do sexo. A manipulação de anabolizantes, psicotrópicos e medicamentos também estão presentes na constituição do profissional ideal. A gestão de riscos exercida pelo sujeito desta pesquisa evidenciou consequências dos percursos necessários ao exercício da profissão do sexo, como a automedicação, o uso frequente de estimulantes sexuais e a exposição à violência.

A aproximação do conceito de trabalho sujo, bem como sua respectiva definição aqui apresentada, auxiliou no entendimento do ofício. Moralmente, a profissão foi sempre condenada, desde o início da história humana. A exposição a infecções sexualmente transmissíveis, principalmente a partir da prática do *barebacking* é um fator que alude ao pensamento social de ocupação abjeta, marginalizada e repugnante, sendo esse profissional visto como uma possível via de transmissão e contaminação.

A prostituição está presente em todas as classes sociais, gera renda a milhões de pessoas no mundo, além de satisfazer os prazeres e desejos de um número inestimável de indivíduos. Conhecer o trabalho sexual é importante para o desenvolvimento de políticas públicas sexuais, de saúde, prevenção, bem-estar, segurança e emprego, para dar visibilidade aos profissionais e suas necessidades. Esses dados servem aos pesquisadores, legisladores, formuladores de políticas públicas e à



sociedade de modo geral. O estudo tem as limitações da abordagem exploratória, inicial e carente de maior aprofundamento. Como sugestão de pesquisas futuras, indica-se a elaboração de estudos que analisem a gestão de riscos de trabalhadoras do sexo, tal como outras que acompanhem a implementação, monitoramento e avaliação de políticas públicas, que protejam e deem segurança aos trabalhadores sexuais de modo geral. Outra sugestão seria a pesquisa com garotos ou garotas de programa de diferentes classes sociais que, com certeza, têm outras questões adicionais, não mencionadas por Narciso. A gestão de riscos em ambientes precários de aluguel de sexo, por exemplo, pode ser dificultada por carência de recursos e de informação.

Por fim, destaca-se que as entrevistas possibilitaram uma abordagem fundamental para conhecer a realidade de trabalhadores invisíveis aos olhos do Estado e da sociedade em geral. Possibilitando a compreensão do tempo presente do sujeito pesquisado, através da sua história, assim como as vivências e experiências o levaram à prostituição e a conviver com os riscos de seu ofício. A possibilidade de ter visitado e conhecido o seu local de trabalho foi uma experiência de grande riqueza e complementação das informações fornecidas pelo sujeito. Significou estar dentro do estudo, poder comprovar, de forma presencial, participante, tantos elementos da história de Narciso.

Referências

ADAMS, Josh. Cleaning up the dirty work: Professionalization and the management of stigma in the cosmetic surgery and tattoo industries. *Deviant Behavior*, 33(3), p. 149-167, 2012.

ALVESSON, Mats; SANDBERG, Jörgen. *Constructing Research Questions Doing Interesting Research*. 1 ed. London: SAGE, p. 141, 2013.

ANDRADE, Arthur Guerra; NUNES, Eliane Lima Guerra. Adolescentes em situação de rua: prostituição, drogas e HIV/ AIDS em Santo André, Brasil. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n.1, p. 45-54, 2009.

ARAÚJO, Luana Broni; BANDEIRA, Maria Ceci Leal; SILVA, Tiago Luís Coelho Vaz. Prostituição de luxo: gênero, trabalho e sociabilidade na cidade de Belém. *Revista Pegada*, v. 16, n. 2, p. 364 - 377, 2015.



BAPTISTA, Dulce M. Tourinho. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, M. L. *Pesquisa Qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Veras Editora, p. 212-231, 1999.

BARRETO, Diva Rodrigues Daltro. *Luta por invisibilidade ou reconhecimento? Um estudo sobre a história de vida de acompanhantes de luxo*. 2014. Dissertação [Mestrado] - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

BARRETO, Leticia C; SILVEIRA, Cibele; GROSSI, Miriam P. Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade. *Revista de Ciências Humanas*, v. 46, n. 2, p. 511-534, 2012.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. *Festas de orgias para homens – territórios de intensidade e sociabilidade masculina*. Salvador: Editora Devires, 2016.

_____. Risco, prazer e cuidado: técnicas de si nos limites da sexualidade. Avá. *Revista de Antropologia*, n. 31, p. 119-142, 2017a.

_____. *Vamos fazer uma sacanagem gostosa? Uma etnografia da prostituição masculina carioca*. Niterói: Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense, 2017b.

_____. Limites, fissuras, prazer e risco em festas de orgia para homens. *Mana*. 2019, v. 25, n. 1, p. 9-37, 2019.

BARROS, Vanessa Andrade de; LOPES, Fernanda Tarabal. Considerações sobre a pesquisa em história de vida. In: Eloisio Moulin de Souza. (Org.). *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico-conceitual*. 1ed. Vitória: EDUFES, v. 1, p. 41-63, 2014.

BATISTA, Anália Soria; CODO, Wanderley. Trabalho sujo e estigma. Cuidadores da morte nos cemitérios. *Revista de Estudos Sociais*, 63, p. 71-83, 2018.



BAYDOUN, Mahmoud. “*Não sou nem curto afeminados*”: Reflexões viadas sobre a masculinidade hegemônica e a efeminofobia no Grindr. I ed. Salvador: Editora Devires, v I. p. 154, 2020.

BENDASSOLLI, P. F.; FALCÃO, J. R. Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. *Universitas Psychologica*, 12(4), p. 1153-1166, 2013.

BRANQUINHO, Bruno. O que é o chemsex e por que está se tornando um problema para os homens gays e bis?. 2020. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/o-que-e-o-chemsex-e-por-que-esta-se-tornando-um-problema-para-os-homens-gays-e-bis/>. Acesso em 25 de jun. de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)*. 2021. Disponível em: <https://bit.ly/3g629Yz>. Acesso em 29 de jan. de 2022.

BRITO, Osias. *Controladoria de risco – Retorno em instituições financeiras*. Saraiva, 2003.

Cavalcante, Antônio Eduardo Osório, Glauceline Barbosa Coutinho, Anando Rodrigues de Carvalho, Emanuel Thomaz de Aquino Oliveira, Silas Alves da Silva, Lílian Machado Vilarinho de Moraes, Filipe Melo da Silva, and Jailson Alberto Rodrigues. “Professional Women of the Sex: Discourse on the Use of the Condom and Its Self-Perception of HIV Vulnerability”. *Research, Society and Development* 10 (2), 2021.

CECCHETO, Fátima Regina. *Violência e estilo de masculinidade*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2008.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. Sobre efeminação e virilidade, a Grécia vista do pampa. *Métis (UCS)*, v. 10, p. 81-109, 2012.

CERQUEIRA, Paulo Rodrigues; MISOCZKY, M. C. O tema da prostituição em publicações relacionadas com os estudos organizacionais. REAd. *Revista Eletrônica de Administração* (Porto Alegre), v. 27, n. 01, p. 66-92, 2021.



COETZEE, Philna; LUBBE, Dave. Internal audit and risk management in South Africa: adherence to guidance. *Acta Academica*, 43(4), p. 29-60, 2011.

COLOMBY, Renato Kock; PERES, Amanda Luz; LOPES, Fernanda Tarabal; COSTA, Silvia Geerali. A pesquisa em história de vida nos estudos organizacionais: um estudo bibliométrico. *FAROL - Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), p. 852-887, 2016.

CONNELL, Robert W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidades hegemônica: repensando o conceito. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 21, v. 1, p. 241-282, 2013.

CORRÊA, Maria Eduarda Cavadinha. *Duas mães? Mulheres lésbicas e maternidade*. 2012. Tese [Doutorado] - Programa de Pós Graduação em Saúde Pública, Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

DEJOURS, Christophe. Uma Nova Visão do Sofrimento Humano nas Organizações. In: CHANLAT, Jean-François (org). *O Indivíduo na Organização: Dimensões Esquecidas*. São Paulo: Atlas, 1996.

DE LUIZ, George Moraes. *A gestão dos riscos no cenário da aids: um estudo sobre as estratégias adotadas por homens que fazem sexo com homens em parceria casual*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2011.

DE LUIZ, George Moraes; SPINK, Mary Jane. La gestión de riesgos en el ámbito del sida: estrategias adoptadas por hombres que tienen sexo con hombres en relaciones informales. *Athenea Digital*, v. 13, p. 39-56, 2013.

DIAS, Tiago. 'Vida de boy ': o corre dos garotos de programa no centro de São Paulo. 2021. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/01/27/vida-de-boy-o-corre-dos-garotos-de-programa-no-centro-de-sao-paulo.htm>. Acesso em 23 de jan. de 2022.

DOUGLAS, M. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 2010.



ECCEL, Claudia Sirangelo; SARAIVA, Luiz Alex Silva; CARRIERI, Alexandre. Masculinidade, autoimagem e preconceito em representações sociais de homossexuais. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração* (UFF), v. 9, p. 01-15, 2015.

GAULEJAC, Vincent de. *A Neurose de Classe - Trajetória Social e Conflitos de Identidade*. História e Historicidade. 2016.

GERNET, Isabelle, e DEJOURS, Christophe. Avaliação do trabalho e reconhecimento. In P. F., BENDASSOLLI e L. A. SOBOLL (Orgs.), *Clínicas do trabalho* (p. 61-70). São Paulo: Atlas, 2011.

Gil, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa* (7a ed). São Paulo: Atlas, 2022.

GLAT, Rosana. *Somos iguais a vocês: depoimentos de mulheres com deficiência mental*. Rio de Janeiro: Agir; 1989.

GODOY, Arilda Schmidt. Reflexão a respeito das contribuições e dos limites da história de vida na pesquisa em administração. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 19(1), p. 161–175, 2018.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital. In: GOLDENBERG, M (org.). *O corpo como capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 39-53, 2015.

GRAMSCI, Antonio. *Selection From Prison notebooks*. London, UK: New Left, 1971.

GRANATO, Leonardo; LOPES, Fernanda Tarabal; COSTA, Alessandra de Sá Mello. da. Historia e investigación social cualitativa: reflexiones en torno de la historia comparada y la historia de vida. *Revista Organizações & Sociedade*, 27(94), p. 508–531, 2020.

GREEN, James Naylor. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

HAMANN, Cristiano; PIZZINATO, Adolfo; ROCHA, Kátia Bones. Dinâmicas de gênero e sexualidade no sexo tarifado entre homens: uma



análise por meio da noção de comunidades de prática. *Temas em Psicologia*, v. 25, p. 1007-1024, 2017.

HILL, Stephen; DINSDALE, Geoff. *Uma base para o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem para a gestão de riscos no serviço público*. Tradução L. C. Vasconcelos. Escola Nacional de Administração Pública, 2003.

HUGHES, Everett Cherrington. *Men And Their Work*. Glencoe, Illinois: Free Press, 1958.

Lakatos, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa* (9a ed). São Paulo: Atlas, 2021.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*. Campinas: Papirus Editora, 2013.

_____. *Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEITE, Gabriela Silva; MURRAY, Laura; LENZ, Flavio. O par e o ímpar: o potencial de gestão de risco para a prevenção de DST/HIV/Aids em contextos de prostituição. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, v. 18, p. 7-25, 2015.

LHUILIER, Dominique. Travail, management et santé psychique. *Connexions*, 91, 85-101, 2009.

LISBOA, Daniel. 'R\$ 500 a mais': garotos de programa se drogam para agradar clientes ricos. 2022. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/06/15/r-500-a-mais-garotos-de-programa-se-drogam-para-agradar-clientes-ricos.htm>. Acesso em 25 de jun. de 2022.

MACHADO, Lia Zanotta. Masculinidade, Sexualidade e Estupro. *Cadernos PAGU*, São Paulo, p. 231-273, 1998.

MAGESTE, Gazielle Souza; LOPES, Fernanda Tarabal. O Uso da História de Vida nos Estudos Organizacionais. In: *Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade*, 2007, Recife. EnEPQ 2007, 2007.



MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Prostituição à brasileira: cinco histórias*. 1. ed. São Paulo: Contexto, v. 1, p. 250, 2015.

MONTEIRO, Daniel Francisco Barros; PEREIRA, Verônica Fujise; OLIVEIRA, Laurenae Leopoldino de; LIMA, Oscar Palma; CARRIERI, Alexandre de Pádua. O Trabalho Sujo com a Morte, o Estigma e a Identidade no Ofício de Coveiro. *Revista Interdisciplinar De Gestão Social*, 6(1), 2017.

MOREIRA, Sueli Aparecida; FRANÇA JUNIOR, Ivan; JACOB, Michelle; CABRAL, Alicia; MARTIRANI, Laura Alves. Percepção de risco como estratégia de convívio comensal com jovens órfãos pelo HIV/AIDS em São Paulo, SP, Brasil. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 22, n. 64, p.141-152, 2018.

MOURA, Renan Gomes; NASCIMENTO, Rejane Prevot; BARROS, Denise Franca. "There's a lot of woman in him": the feminine as a deviance from the norm. *Organizações & Sociedade*, v. 27, p. 620-643, 2020.

NONATO, Murillo. *Vivências Afeminadas: pensando corpos, gêneros e sexualidades dissidentes*. I. ed. Salvador: Editora Devires, v. I. p. 150, 2020.

PEREIRA, Jefferson Rodrigues; PAIVA, Kely César Martins de; IRIGARAY, Hélio Arthur Reis. "Trabalho sujo", significado, sentido e identidade: proposição de análise integrada e perspectivas de pesquisas. *Cadernos EBAPE.BR*, 19(4), p. 829–841, 2021.

PEREIRA, Jefferson Rodrigues; SANTOS, José Vitor Palhares dos; SILVA, Alice Gerlane Cardoso da; PAIVA, Kely Cesar Martins de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Entre o sagrado e o profano: identidades, paradoxos e ambivalências de prostitutas evangélicas do baixo meretrício de Belo Horizonte. *Cadernos EBAPE.BR*, 18(2), p. 391–405, 2020.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do Michê: prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.



SANTOS, Renato Caio Silva. *Segredos de corpos nus: Masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo*. I ed. Salvador: Editora Devires, v. I. p. 240, 2021.

SANTOS, Rosângela Silva; GLAT, Rosana. *Ser mãe de uma criança especial: do sonho à realidade*. Rio de Janeiro: Anna Nery / UFRJ; 1999.

SARAIVA, Karla. Educando para viver sem riscos. *Educação*, v.36, n. 2, p. 168-179, 2013.

SOARES, João Francisco Selhorst; SANTOS, Luciamara Cristina; CARDOSO, Josiane Paia; NEVES, Lídia; BATISTA, Eraldo Carlos. A Prostituição Como Profissão: Uma Análise Sob a Ótica das Profissionais do Sexo. *Revista Saberes*, Faculdade São Paulo, 13 FSP, v. vol. 3, p. p. 63 - 75, 2015.

SOUZA, Ricardo Timm. *Ética do escrever. Kafka, Derrida e a literatura como crítica da violência*. Porto Alegre: Editora Zouk, 2018.

SPINK, Mary Jane Paris. Viver em áreas de risco: tensões entre gestão de desastres ambientais e os sentidos de risco no cotidiano. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, n. 9, p. 3743-3754, 2014.

SWAMI, Viren; TOVÉE, J. Martin. The muscular male: A comparison of the physical attractiveness preferences of gay and heterosexual men. *International Journal of Men's Health*, v. 7, n. 1, p. 59-71, 2008.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VERGUEIRO, Viviane. A cisgeneridade. In: *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, p. 43-71, 2015. Disponível em <https://goo.gl/16C2G6>.



Sex work and risk management: the story of a prostitute

ABSTRACT: This research, with a qualitative and exploratory focus, seeks to understand how risk management develops in male prostitution, through interviews with a male prostitute from Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Two long contacts were made with the subject, when it was possible to obtain relevant data about their life trajectory, their work organization and their risk management practices. The opportunity to observe their workplace in situ was an additional factor in carrying out the research. As an occupation, sex is morally condemned by society and, therefore, in this work, the concept of dirty work is used to understand some reasons that lead to the social marginalization of sex work. From the call boy's report, it was clear that the profiles created by sex workers obey the clients' desires, generally offering virile and muscular bodies. Masculinity and virility are essential components for success in a career as a prostitute. Professional risk management involves a set of procedures and the assumption of stimulants and medications, which confirm the characteristics of the concept of dirty work. Fulfilling these prerogatives defines the professional's performance, recognition and appreciation in the sexual market.

KEYWORDS: Male Prostitution; Dirty Work; Risk Management.

Lorenço RODRIGUES

Doutorando em Administração pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS). Mestre em Administração (PPGA/UFRGS). Especialista em Direito Social do Trabalho, Processo do Trabalho e Direito da Seguridade Social pela Fundação Escola Superior do Ministério Público (FMP). Especialista em Direito Administrativo e Gestão Pública (FMP). Especialista em Gestão de Políticas Públicas pelo Instituto Prominas. Graduado em Administração (UFRGS). Possui interesse e experiência em assuntos como diversidade, escolaridade, mundo do trabalho, gestão de pessoas e relações de trabalho. Atualmente é servidor público do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul (TJ/RS).

Maria Beatriz RODRIGUES

Professora da Escola de Administração e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGA/UFRGS). PhD em Development Studies, Sussex



University (UK), Mestre em Administração e Psicóloga. Leciona, estuda e pesquisa temas relacionados à Ética e à Diversidade em organizações.

Recebido em: 28/03/2023

Aprovado em: 26/12/2024